

## ARTÍCULOS

---

### **A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER BRASILEIRA A PARTIR DO ENFOQUE DO TURISMO SEXUAL NA BAHIA: PERMISSIVAS, PECADORAS E SENSUAIS?**

Claudia Eleutério  
*Universidade do Estado da Bahia*  
[claufja@hotmail.com](mailto:claufja@hotmail.com)

Vanessa Cavalcanti  
*Universidade Católica de Salvador*  
[Vanessa.cavalcanti@uol.com.br](mailto:Vanessa.cavalcanti@uol.com.br)

**Resumo:** A cidade do Salvador, capital da Bahia, é o foco dessa pesquisa que através de um resgate histórico e de uma abordagem sócio-antropológica discute o princípio da construção e da venda da imagem da mulher brasileira. Pensando a imagem de erotização dessa mulher, influenciada pelo processo escravagista que reduzia o corpo feminino a uma propriedade do senhor, formou-se um modelo sexual altamente atraente, disponível e facilmente acessível. Com a globalização e o encurtamento de distâncias, tornou-se simples vender e mostrar a imagem da mulata brasileira como fonte insaciável de prazer e de divulgar traços 'culturais' do Brasil, como passistas seminuas em desfiles de carnaval, ou ainda mulheres de biquíni fio-dental pelas praias costa afora, atitudes que indiretamente também acabam o estimular o 'turismo' sexual. No nordeste brasileiro a situação se agrava devido à baixa escolaridade e ao alto nível de pobreza da população local, o que gera ótimos destinos para homens interessados nesse tipo de 'aventura' ou 'esporte', como muitos praticantes definem. Desta maneira, essa pesquisa através de observação etnográfica e de pesquisa empírica vem a traçar um perfil dos turistas e das mulheres com quem eles se relacionam, para assim tentar entender os meandros de tal prática.

**Palavras chave:** gênero, turismo sexual, sexualidade, identidade, história, Bahia.

**Título:** LA CONSTRUCCIÓN DE LA IDENTIDAD DE LA MUJER BRASILEÑA A PARTIR DEL ENFOQUE DEL TURISMO SEXUAL EN LA BAHÍA: ¿PERMISIVAS, PECADORAS Y SENSUALES?

**Resumen:** La ciudad del Salvador, capital de Bahía, es el foco de esa investigación que a través de un rescate histórico y de un abordaje socio-antropológico discute el principio de la construcción y la venta de la imagen de la mujer brasileña. Pensando la imagen de erotismo de esa mujer,

---

Recibido: 27-10-2008  
Aceptado: 02-01-2009

**Cómo citar este artículo:** ELEUTÉRIO, Claudia y CAVALCANTI, Vanessa. La construcción de la identidad de la mujer brasileña a partir del enfoque del turismo sexual en la Bahía: ¿permisivas, pecadoras y sensuales? *Naveg@merica. Revista electrónica de la Asociación Española de Americanistas* [en línea]. 2009, n. 2. Disponible en <<http://revistas.um.es/navegamerica>>. [Consulta: Fecha de consulta]. ISSN 1989-211X.

influenciada por el proceso esclavista que reducía el cuerpo femenino a una propiedad del señor, se formó un modelo sexual altamente atrayente, disponible y fácilmente accesible. Con la globalización y el acortamiento de las distancias, se volvió sencillo vender y mostrar la imagen de la mulata brasileña como fuente insaciable de placer y de divulgar trazos 'culturales' de Brasil, como figurantes semidesnudas en desfiles de carnaval, o como mujeres en tanga por las playas de las afueras, actitudes que indirectamente también estimulan el 'turismo' sexual. En el nordeste brasileño la situación se agrava debido a la baja escolaridad y al alto nivel de pobreza de la población local, lo que genera óptimos destinos para hombres interesados en ese tipo de 'aventura' o 'deporte', como muchos practicantes la definen. De esta manera, esa investigación a través de la observación etnográfica y de búsqueda empírica viene a trazar un perfil de los turistas y de las mujeres con quienes ellos se relacionan, para así intentar entender los meandros de tal práctica.

**Palabras clave:** género, turismo sexual, sexualidad, identidad, historia, Bahía.

**Title:** THE CONSTRUCTION OF THE IDENTITY OF THE BRAZILIAN WOMAN FROM THE APPROACH OF THE SEXUAL TOURISM IN THE BAHIA: PERMISSIVE, SENSUAL AND SINNER?

**Abstract:** The city of Salvador, the capital of Bahia, is the focus of this research that, through a historical rescue and a socio-anthropological approach, discusses the principle of the construction and selling of the brazilian women's image. Considering the erotization of this image, influenced by the slavery process that reduced the female body to a property, a highly attractive model was formed, available and easily accessible. With the globalization and the shortening of distances, it became simple to sell and show the image of the brazilian "mulata" (african descendent) as an endless source of pleasure and to spread the brazilian "cultural" traces, as semi-naked dancers in Carnival parades or as women in thongs throughout the beaches on the coast, not to mention attitudes that indirectly influence the sexual "tourism". In the northeast region the situation is even worse, due to the low scholary levels and the high level of poverty of the local population, that create great destinations for men interested in this kind of "adventure" or "sport", as many of its practicers define. This way, this research, through ethnographical observation and empiric research, traces a profile of the tourists and the women with whom they relate, to try to understand the means of such practice.

**Keywords:** gender, sexual turism, sexuality, identity, history, Bahia.

## 1. Considerações Iniciais

“Ai, mulata assanhada  
Que passa com graça  
Fazendo pirraça  
Fingindo inocente  
Tirando o sossego da gente”

A letra de Ataulfo Alves, cantada por Elza Soares e intitulada “Mulata Assanhada” (1956) é um ótimo início para a discussão que irá se seguir nos meandros deste trabalho. A canção, como diversas outras encontradas facilmente nos *sites* de busca pela Internet, faz referência à mulata brasileira, comumente relacionando-a a atributos físicos e apontando o avançado grau de sua libido sexual.

As músicas, assim como a literatura brasileira, tendo como exemplo Aluísio de Azevedo e sua obra *O cortiço* (1890), Jorge Amado com Gabriela Cravo e Canela (1958), Joaquim Manuel de Macedo, com *A Moreninha* (1844), dentre outros, servem para proporcionar a reflexão sobre o modelo de mulher brasileira que é mostrado, difundido e vendido, nacional e internacionalmente.

A história do Brasil está estritamente relacionada ao sexual, no sentido mais pecaminoso que se pode pensar tal prática. No princípio com o espanto dos colonizadores pelas índias mostrarem suas “vergonhas”, depois pelos mesmos índios oferecerem suas esposas para os portugueses, passando pelo período escravagista, onde a escrava, considerada objeto de posse do senhor, trabalhava dentro e fora do quarto do patrão.

É importante só ressaltar que essa “naturalidade” indígena de lidar com seu corpo e sua sexualidade, era vista pelos europeus, um povo criado nos valores de uma Igreja católica em que tudo era proibido e pecaminoso, como algo relacionado mais à pureza divina, resgatando a idéia de Adão e Eva, do que obra do diabo.

É no período da escravidão onde estão contidos os maiores argumentos da promiscuidade nacional, pois, como já foi dito, enquanto que a nudez indígena era muitas vezes relacionada com a pureza e inocência presentes no paraíso, a sexualidade da mulher negra era sempre vista com relação ao pecado. Atualmente tal fato também pode ser observado através da novela exibida em 2004 e re exibida em 2007 pela rede Globo de Televisão, com a atriz negra Taís Araújo no papel principal, mas que seu título, denominado *Da Cor do Pecado* demonstra um caráter preconceituoso e sempre ligado ao sexual.

A partir dessa relação entre brancos e negros surge ainda o mito da democracia racial defendido por Freyre, que dedica grande parte de sua obra *Casa Grande e Senzala* para discutir a influência “do escravo na vida sexual e familiar brasileira” e que muitas vezes não valora o escravo do sexo masculino, somente a escrava mulher, pois essa, junto com o homem português, seria a geradora da miscigenação que originou o povo brasileiro.

“Na suavidade, na mímica excessiva, no catolicismo no qual divertimos nossos sentidos, na música, na caminhada, na fala, nas canções de ninar para o menino, em tudo que é uma expressão sincera de vida, trazemos a marca da influência africana: do escravo ou ama que nos segurou, que nos amamentou, que nos alimentou, depois de amaciar a comida em sua boca; da velha negra que nos contou as primeiras histórias de terror; da mulata que nos tratou e que nos iniciou no amor físico e nos deu, no barulhento colchão de ar, a primeira sensação de masculinidade; e do menino negro que foi nosso primeiro companheiro”<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> FREYRE, G. *Casa grande e Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985, p. 283.

Nesse trecho é possível perceber a relação que o autor faz entre escravas e as relações sexuais com os 'senhores' e é interessante pensar no grifo, pois ele discretamente confirma o caráter sexual e 'pecador' das relações entre essas duas categorias, pois o amor físico é dissociado da questão religiosa, passando apenas pela questão carnal e que, pelo menos teoricamente, não deveria gerar frutos. O Amor Físico é puramente desejo, licenciosidade que não é possível e muitos menos aceitável de ser praticado com sua esposa.

Dentro dessa visão erotizada das escravas, criou-se o mito da constante promiscuidade dentro das senzalas e da ausência de família e de casamentos nos modelos católicos entre esse grupo específico. Robert Slenes<sup>2</sup> derruba essa tese, comprovando a existência de diversos casos de casamento e de relações estáveis e monogâmicas dentro das comunidades escravas, retirando assim a imagem de devassidão sexual e de uma possível instabilidade familiar que retrata o escravo em diversos estudos históricos.

Com a intensa prática da miscigenação (eufemismo para não citar a quantidade de abusos, estupros e relações passivas entre escravas e senhores, já que Freyre, no prefácio de sua obra *Casa Grande e Senzala*, utiliza o termo "senhores desabusados e sádicos") acabou-se por formar um povo com características singulares e que foi no passado denominado mulato, referência ao cruzamento do dois animais e que resultaria em um filhote híbrido.

Pinho apresenta que durante muito tempo especularam se realmente os mulatos seriam seres estéreis. Contudo, com o passar dos anos e o "continuum", percebeu-se que seria impossível sustentar essa informação. Com o surgimento desse novo "ser", a mulata passou a ser o principal tipo de mulher procurada para fins sexuais. Dentro dos conceitos sociológicos, resgato Freyre, que traz o papel simbólico desse modelo de mulher, utilizando novamente o amor físico e chegando a ponto de representar a mulata como possibilidades de práticas sexuais extremas.

"o bom senso popular e a sabedoria folclórica continuam a acreditar na mulata diabólica, superexcitada por natureza [...] Por essa superexcitação, verdadeira ou não, de sexo, a mulata é procurada pelos que desejam colher do amor físico os extremos de gozo, e não apenas o comum"<sup>3</sup>.

Nos relatos médicos, Nina Rodrigues afirma em 1894 que a mulata se apresenta como portadora de uma excitação excessiva e singular, não podendo deixar de ser considerada um tipo anormal. Em outra passagem, a idéia se confirma quando se ressalta que:

---

<sup>2</sup> SLENES, R. *Lares Negros, Olhares Brancos: Histórias da Família Escrava no Século XIX*. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 1988.

<sup>3</sup> FREYRE, G. *Casa grande e Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985, p. 602.

“nada exemplifica mais graficamente este raciocínio do que a classificação das formas de hímem feita por Nina Rodrigues em suas análises médico-legais. Embora as mulheres mestiças apresentassem como as brancas, as formas ‘mais variadas’ de hímem, ‘as recém nascidas; negras ou mestiças’ apresentavam com freqüência uma forma de hímem que facilmente se confundia com o hímem rompido”<sup>4</sup>.

Em breve apanhado histórico, Corrêa demonstra como esse estereotipo foi difundido, sempre relacionando a mulata ou a sabores exóticos, (como a Gabriela Cravo e Canela, personagem de Jorge Amado criado em 1958) ou a sensações corporais nunca antes sentidas, como o gozo extremo apresentado por Freyre.

“Palavras que a vinculavam [a mulata] diretamente, sem mediações de ervas ou especiarias, ao universo da pura sensação corporal : lubricidade, volubilidade, amoralidade. No discurso de alguns críticos literários (José Verrísimo, Silvio Romero), no de alguns historiadores (Capistrano de Abreu), no discurso médico (Raimundo Nina Rodrigues e muitos outros), e no literário (repito, de Gregório de Matos a Guimarães Rosa) que serviu e lastro para a construção dessa figura mítica, a mulata é puro corpo, ou sexo, não ‘engendrado’ socialmente”<sup>5</sup>.

Na contemporaneidade, a figura da mulata ainda é reforçada. Piscitelli analisa reportagens publicadas em grandes revistas brasileiras sobre a vinda de estrangeiros para cá em busca de mulheres. A autora apresenta o que seria atualmente reconhecido como intrínseco à mulata:

“Alegria, sensualidade, juventude, afetividade, submissão, docilidade, enorme disposição para o sexo e uma certa passividade caracterizam as ‘morenas brasileiras’, delineando uma feminilidade particular e intrigante. Nela se entrelaçam aspectos considerados como ‘tradicionais’ da sexualidade feminina em muitas culturas ocidentais – passividade, submissão, receptividade- e atributos recorrentemente associados à figura da ‘mulata’ no Brasil- pensada como passional, sensual, voluptuosa, até imoral, mas também ingênua e amorosa”<sup>6</sup>.

Outra questão interessante no que diz respeito às mulatas é a existência de um curso de “Formação profissional de Mulatas” realizado pelo SENAC do Rio de Janeiro entre 1980 e 1990, curso esse que foi objeto de estudo de Giacomini<sup>7</sup> e que tem como objetivo resgatar e analisar as categorias dentre as quais as estudantes se enquadram e como elas se observam na condição de mulata e no seu processo de ‘graduação’, o que as tornaria mulatas profissionais!

O curso em foco faz menção à mulata profissional como aquela apta para fazer *shows* e ser considerada dançarina de vários estilos, não somente de samba, e nunca

---

<sup>4</sup> CORREA, M. *Sobre a invenção da mulata*. São Paulo: Cadernos Pagu (6-7), 1996, p.44-45.

<sup>5</sup> *Idem, Ibidem*, p. 40.

<sup>6</sup> PISCITELLI, A. “Sexo Tropical”: *Comentários sobre Gênero e “Raça” em alguns textos da mídia brasileira*. São Paulo: Cadernos Pagu (6- 7), 1996, p. 27.

<sup>7</sup> GIACOMINI, S.M. *Mulatas profissionais: raça, gênero e ocupação*. Florianópolis: Revista Estudos Feministas, 2006, vol. 14, n. 1.

uma prostituta. Essa é afirmação constante dentre as entrevistadas por Giacomini, que sempre diferenciam o ‘vender a imagem’ com o ‘vender o corpo’, trazendo para o conceito ‘mulata profissional’ o título de identidade social.

Entretanto, quando as alunas do curso foram perguntadas sobre o que era “ser mulata”, muitas das respostas não estavam focadas na “imagem” que deveria ser vendida, e sim em atributos relacionados ao corpo, como ter “corpão violão”, “bundinha empinada”, “cintura fina”, etc., não saindo muito do ideal de “mulata tipo exportação” proposto por Sargentelli, famoso sambista brasileiro.

## 2. Depois da construção, a venda.

“Quem é que se mostra  
Pro estrangeiro ver, por favor  
Imperador ou presidente  
Ou qualquer todo crente que vem”?  
(Mulata no Sapateado, Ary Barroso e Vinícius de Moraes)

Depois de longo processo de construção de um ideal desejado por todos os homens e invejados pelas mulheres, era necessário lucrar com o “marketing” realizado. O artigo já citado produzido por Piscitelli, apresenta uma reportagem produzida pela revista *ISTOË* e ilustrada, junto com outras informações sobre turismo sexual, com as seguintes palavras de um Secretário de Turismo “Não importa se o turista gasta seus dólares com prostitutas, nos hotéis de luxo ou num “shopping center”. O que interessa é que eles deixem seus dólares aqui (...) afinal, existem prostitutas em qualquer lugar do mundo.”<sup>8</sup>

Baseado nesse incentivo vindo da própria política que deveria tomar medidas para deter ou ao menos se preocupar com a relação turismo x sexo, a imagem da mulata, geralmente baiana e carioca, foram vendidas durante as décadas de 1980 e 1990 de maneira desenfreada. Empresas se utilizavam “folders”, panfletos, cartazes, publicidades de modo geral, para chamar o turista estrangeiro para conhecer o que “a baiana tem”, ou o fogo das mulheres brasileiras, como pode ser observado no trabalho de Dias Filho, que trabalha com “folders” recheados de imagens de mulheres negras ou “mulatas” e com legendas que incitam os homens a deixarem suas mulheres ‘branqueadas’ e ‘aproveitarem o calor e fogo das mulatas brasileiras’.

“De 1982 a 1996, na maior parte dessas peças publicitárias, as mulheres mostradas são negras ou mulatas vestidas com trajes típicos, maiôs, biquínis ou fazendo “top less” e os textos convidam as pessoas para ‘desfrutar as delícias’ da ‘terra da felicidade’ e da festa”<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> PISCITELLI, A. Op.Cit., p. 18.

<sup>9</sup> DIAS FILHO, A. J. *As mulatas que não estão no mapa*. São Paulo: Cadernos Pagu (6-7), 1996, p. 53.

No que condiz à Bahia, a própria Bahiatursa, empresa responsável pelo “marketing” do estado, utilizava imagens de mulatas com biquínis minúsculos, tomando sol nas praias do porto da Barra, ou baianas de acarajé, sempre sorridentes e prontas para servir o turista, fazendo menção indireta aos tempos da escravidão e às escravas de ganho. Empresas aéreas aproveitavam da imagem construída para vender passagem para esse paraíso sexual que seria o Brasil, usando também em suas campanhas publicitárias em aeroportos internacionais imagens da típica mulata. E deu certo. “Em 1995, os mercados internacionais que mais enviaram turista para Salvador, em termos percentuais, foram a Alemanha 19, 5%, Argentina, 17,3%, Itália, 10,1%, França 8,3%, Espanha, 7,5% e EUA, 6,5%”<sup>10</sup>.

Os turistas chegam no Brasil procurando mulheres para se relacionarem de maneira profissional e não profissional, pois a idéia de manter um “namoro” com uma “nativa”, às vezes é a modalidade preferida pelos homens que vem em busca de novas aventuras, pois descaracteriza a relação profissional / cliente, dando um caráter mais puro e romantizado para as relações. Contudo, não basta qualquer mulher ou profissional do sexo para que os mesmos se sintam satisfeitos, pois,

“eles chegam ao Brasil procurando mulheres, mas tem suas nítidas preferências: garotas muito jovens, mulatas ou negras. Esse estilo de gosto não se limitaria aos europeus que chegam ao Brasil, os ‘exportadores’ de meninas para o exterior afirmam que as meninas ‘mais morenas’ conseguem receber melhores salários no ‘Velho Continente’.”<sup>11</sup>

Apesar de muitas garotas verem como única possibilidade de melhoria de vida a relação com um estrangeiro, elas não necessariamente enxergam esse homem como um benfeitor que a retirará dessa vida sem exigir nada em troca.

“nos textos, todas as garotas desejam ‘melhorar de vida’ e consideram os ‘gringos’ o meio mais eficaz para o ‘Ascenso social’ .No entanto, se há, nas notas, garotas ‘sonhadoras’ e ‘românticas’ que idealizam os ‘príncipes’ como pessoas ‘mais puras’ e cujo maior sonho é o casamento com um deles, também há ‘negociantes convictas’.”<sup>12</sup>

Mesmo existindo “negociantes convictas” os estrangeiros preferem o sexo com elas a com suas compatriotas – esposas, namoradas ou profissionais do sexo-, pois as profissionais européias gozam de autonomia e independência. Os turistas dizem que não encontram nelas a satisfação encontrada na mulher brasileira cujo principal objetivo é dar prazer e satisfação ao homem.

Atualmente, existem inúmeras campanhas contra a difusão da imagem da mulata pregadas pelo governo e inclusive dentro das agências publicitárias. Quase não se

---

<sup>10</sup> Idem, *Ibidem*, p.61

<sup>11</sup> PISCITELLI, A. “*Sexo Tropical*”: *Comentários sobre Gênero e “Raça” em alguns textos da mídia brasileira*. São Paulo: Cadernos Pagu (6- 7), 1996, p.17.

<sup>12</sup> *Idem, Ibidem*, p.17.

encontram mais publicidades que elucidem diretamente o sexual – mas baianas de acarajé e os capoeiristas continuam!- os cartões-postais pejorativos geram polêmicas e são retirados do comércio, porém, a realidade se mantém muito semelhante com a apresentada acima e a Internet é a principal aliada de quem quer continuar realizando esse tipo de “turismo” ou “esporte”, como eles mesmos definem.

Páginas como o “orkut” mantém comunidades onde os atributos físicos do modelo de mulher brasileira, a mulata, são ressaltados e fazem “links” com diversos outros “sites” que servem como enciclopédia para quem busca informações detalhadas sobre destinos sexuais, visto que, segundo o Atlas Akal Del estado de la mujer en el mundo, o Brasil na década de 1990 figurava junto com Cuba, República Dominicana e Costa Rica como os principais destinos de turismo sexual na América do Sul.

Piscitelli realizou pesquisa em um “site” em inglês, mas com abrangência mundial, que serve unicamente para viajantes em busca de sexo trocarem informações, funcionando como os diversos fóruns existentes entre os campistas, alberguistas ou aventureiros.

Em seu artigo podemos encontrar a seguinte tabela, que demonstra a preferência pelo Brasil dentro de diversos outros destinos de turismo sexual, assim, é notável que as campanhas pela venda do estereotipo da mulata brasileira ainda superam as campanhas que tentam retirá-las como foco central do turismo no Brasil, nos fazendo buscar dados atuais das vindas desses turistas de modo geral, para tentar perceber a quantidade de possíveis turistas que visitam nosso país unicamente para fins sexuais.

Pais	Nº de linhas de conversação/tópicos	Nº de mensagens integradas nos tópicos
Brasil	1912	22339
Argentina	164	1223
Bolivia	5	22
Chile	12	62
Colômbia	439	4780
Equador	22	122
Guiana	2	16
Paraguai	7	121
Peru	41	362
Uruguai	5	25
Venezuela	38	362
Total	2647	29434

América do Sul: Linhas de conversação e mensagens

Fonte: [www.worldsexarchives.com](http://www.worldsexarchives.com), contagem realizada em julho de 2005

**TABELA I:** Destinos sexuais



### 3. Quem vem e o que os traz: Dados sobre o Turismo no Brasil e na Bahia.

“Branca é branca preta é preta  
Mas a mulata é a tal, é a tal!”  
(A mulata é a tal, Braguinha).

O Ministério do Turismo lança dados sobre a entrada de turistas no Brasil dividido em diversas categorias, como forma de entrada, país de origem, mês de visita e outros dados. Essas informações nos serviram para traçar o perfil do turista que desembarca no Brasil, para dentro desse perfil mais amplo incitar os que poderiam vir para realizar o turismo sexual, cruzando os dados do ministério do turismo com informações obtidas de pesquisas anteriores junto a turistas sexuais, além de entrevistas e observações realizadas no decorrer da realização da pesquisa.

Os dados mais recentes obtidos são os dos anos 2005 e 2006 totalizando a contagem geral de turistas estrangeiros que entraram no país por todos as vias – aérea, marítima, fluvial e terrestre - e de todos os continentes, subdividido-os por país de origem. Nessa análise nos basearemos somente nos turistas vindos dos países da Europa por ser o continente que numericamente mais envia turistas para o Brasil e por ser também o tipo mais encontrado dentro da realidade de Salvador. Sabemos que em outras regiões, como o Sul do Brasil, é maior a prevalência de turistas vindos da própria América do Sul pela proximidade territorial, contudo, esses dados não serão apresentados na pesquisa, já que até mesmo a maioria das mulheres presentes nessa região não entram no perfil que vem sendo discutido no trabalho.

Incluindo todas as maneiras de entrada no país já apontadas e todos os estados da nação, em 2005 , 2.069.221 europeus vieram para o Brasil, contra 1.968.838 no ano de 2006, sendo as visitas totalizaram, em 2005, 5.358.170 de pessoas e em 2006, 5.018.991 de pessoas, demonstrando assim a grande demanda de europeus que visitam o “novo continente”. Segundo o mês de visita, o verão brasileiro ganhou mais adeptos que outras estações, sendo os meses de dezembro, janeiro e fevereiro os com maior contingente de europeus. O perfil desses não é tão glamouroso como se pensa:

“esses turistas são considerados ‘pessoas de baixo nível, que gastam pouco e que provocam problemas’, por um gerente de hotel entrevistado pela *VEJA*, ou ‘ de classe social baixa’, por uma antropóloga que na revista *Marie Claire*, traça o perfil dos turistas sexuais no Nordeste. No entanto, a renda desses estrangeiros – que oscila entre U\$1.500 e U\$3.000 mensais- supera muita a das garotas”<sup>13</sup>

Falando agora especificamente da Bahia, 85.816 europeus desembarcaram na “terra do descobrimento” em 2005, e 157.400 em 2006. Ainda nos dados específicos da Bahia, os meses mais procurados foram mais ampliados que do resto do país, iniciando em janeiro e se estendendo até abril, contabilizando 14.516 europeus

---

<sup>13</sup> PISCITELLI, A. “Sexo Tropical”: Comentários sobre Gênero e “Raça” em alguns textos da mídia brasileira. São Paulo: Cadernos Pagu (6- 7), 1996, p.16.

somente em fevereiro de 2006. Dentre os principais emissores de turistas para o Brasil, o documento traz de forma resumida um ranking, que aqui se encontra adaptado, contendo apenas os países da Europa que são o foco principal dessa pesquisa<sup>14</sup>

País/ Ano	2002	2003	2004	2005	2006
Portugal	5º	5º	3º	3º	3º
Itália	7º	6º	6º	6º	4º
Alemanha	3º	3º	5º	5º	6º
França	6º	7º	7º	7º	7º
Espanha	10º	11º	9º	9º	8º
Inglaterra	9º	9º	11º	11º	10º
Holanda	14º	12º	12º	12º	12º
Suíça	12º	13º	13º	13º	13º

**QUADRO I:** Síntese Brasil. Principais emissores de turistas para o Brasil. 2002- 2006.

Fazendo um panorama histórico do turismo brasileiro, a Organização Mundial do Turismo demonstra o crescimento de quase 100% nos últimos dez anos em relação ao número total de turistas que entraram no país, sem necessariamente apontar sua nacionalidade.

Ano	Turistas (milhões de chegadas)		
	Mundo	América do Sul	Brasil
1996	596,5	12,9	2,7
1997	610,8	13,5	2,8
1998	626,6	15,5	4,8
1999	650,2	15,1	5,1
2000	689,2	15,2	5,3
2001	688,5	14,6	4,8
2002	708,9	12,7	3,8
2003	696,6	13,7	4,1
2004	765,5	16,2	4,8
2005	802,5	18,2	5,4
2006	845,5	18,7	5,0

**QUADRO II:** Turismo no Mundo. Turismo Receptivo no Brasil e no Mundo.

**Fonte:** Organização Mundial do Turismo- OMT

**Notas:** Dados de 2002-2005 revisados. Dados de 2006 estimados.

Tal informação é válida para se pensar se junto com esse grande contingente turístico, o número de pessoas que viajam interessadas em sexo também não tenha crescido. Apesar do número crescente de turistas no Brasil, o país não se configura

---

<sup>14</sup> Algumas posições não constam nessa tabela exatamente por não caracterizarem os países europeus. Como já foi citado, o número de visitantes da América do Sul é muito grande aqui no Brasil, contudo, não se enquadra dentro do perfil que escolhemos para essa pesquisa, pois a maioria dos turistas se restringe à região Sul do país, principalmente pela proximidade com seu país de origem.

dentre os maiores pólos turísticos do mundo quando se avaliam características gerais, relacionadas aos interesses da viagem como negócios, cultura (museus, construções, história) ou esoterismo. Os viajantes que mais procuram nosso país estão atrás geralmente de belezas naturais e diversão, além da busca pelo exótico. Em pesquisa realizada por Dias Filho<sup>15</sup> especificamente em dois bairros de Salvador, Pelourinho e Barra, o autor entrevistou 26 agenciadores e facilitadores da busca pelo sexo na região e apontou que, segundo as fontes, 65% dos estrangeiros buscam Salvador pela beleza de suas praias, tornando assim essas regiões fundamentais para estudar e caracterizar o perfil dos turistas em questão.

#### 4. Definindo a Barra: belas praias, belas mulheres.

“Quem dá mais por uma mulata que é diplomada  
Em matéria de samba e de batucada  
Com as qualidades de moça formosa  
Fiteira, vaidosa e muito mentirosa?  
Cinco mil réis, duzentos mil réis, um conto de réis!”  
(Quem dá mais? Noel Rosa)

O bairro da Barra faz parte da área mais antiga de Salvador. Não cabe agora fazer uma perspectiva histórica da região, contudo, só para pontuar, foi no bairro da Barra que Diogo Alves, o Caramuru chegou ao Brasil. Tomé de Souza também desembarcou por lá, quando esta já era capitania de Pereira Coutinho, primeiro donatário da Bahia, e por isso durante tempos, a região se chamou Vila do Pereira. Na atualidade o bairro é internacionalmente conhecido por se configurar como circuito “alternativo” do carnaval baiano e por estar localizada lá a praia do Porto da Barra, que foi reconhecida como a terceira praia mais bonitas do mundo, segundo o jornal britânico *The Guardian*, perdendo apenas para as Ilhas Ciés, na Espanha e para o Parque Nacional Tayrona, na Colômbia.

A Barra, do ponto de vista turístico, é o bairro que melhor foi estruturado na cidade de Salvador. A região, além de seus atrativos naturais, como as praias, os fortes, os navios naufragados bem próximos à costa, a vista para a ilha de Itaparica e para muitas pessoas, o Pôr-do-sol mais bonito da cidade. A região conta com grandes e pequenos hotéis, albergues, restaurantes para todos os públicos, grande número de bares, casas de shows, shoppings e tudo que é necessário para figurar o bairro como o local de maior concentração de turistas na cidade, ganhando até mesmo do Pelourinho que, apesar do processo de revitalização que vem sofrendo nos últimos anos, ainda é visto com ares de decadência entre os de fora e os moradores da cidade.

Segundo estatísticas<sup>16</sup>, em 2006, a Bahia possuía 322 meios de Hospedagem cadastrados no Ministério do Turismo, excluindo outras regiões como Porto Seguro,

---

<sup>15</sup> DIAS FILHO, A. J. *Fulô, Ritas, Gabrielas, Gringólogas e Garotas de Programa*. Dissertação de Mestrado em Sociologia, pela Universidade Federal da Bahia. MIMEO. 1998, p. 178-212

<sup>16</sup> BRASIL. Resultados do receptivo 2006, [www.turismo.gov.br](http://www.turismo.gov.br). Acesso em março de 2008.

que possui ampla infra-estrutura turística, certamente grande parte deste número se localiza na Barra. Os dados exatos sobre o número de hospedagens no bairro são difíceis de enumerar, pois, assim como existem hotéis de categoria cinco estrelas e pousadas, existem pequenas hospedagens não regulamentadas, como aluguéis de quartos e apartamentos por temporada, principal pedida para viajantes que vem em grupos e que irão passar um tempo considerável na cidade.

Essa rotatividade existente no bairro pode ser observada nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2000, que configura o bairro como o maior receptor de migrações de dentro e de fora do Estado, recebendo o equivalente a 90% dessas pessoas. Todavia, o dado não aprofunda os números, não sendo possível avaliar o perfil dos imigrantes nem os motivos que os trouxeram para a cidade, nem porque escolheram especificamente esse bairro, pois, apesar de toda a estrutura retratada anteriormente, a Barra se localiza relativamente distante do grande centro comercial da cidade, situado próximo à região do Iguatemi, bairro que na atualidade corresponde ao centro comercial da cidade.

Com relação aos moradores do bairro, Carvalho<sup>17</sup> afirma que entre 21 e 33% da população local ganham o equivalente a 10 até 20 salários mínimos, podendo incluir essa região dentre as com maiores rendas dentro da cidade do Salvador. Cerca de 47% dos responsáveis pelo domicílio possui mais de 15 anos de estudo, resultando em aproximadamente 24% da população residente caracterizada como elite intelectual, contra apenas 3% de elite dirigente. Nos dados que deveriam se referir aos trabalhadores, não consta nada.

No que tange à cor da pele, entre 60 e 100% dos moradores se declararam brancos, de 29-42% pardos e somente de 4,5 a 10%, negros, entretanto, em breve visita ao bairro se encontra uma incidência muito maior de negros do que é mostrado nos índices. Eles são os responsáveis pelo comércio informal no bairro e, geralmente, moram em bairros populares localizados próximos. Uma dessas figuras facilmente observáveis são as gringólogas, conceito utilizado por Dias Filho para definir mulheres que não são profissionais do sexo, mais que são consideradas “caçadoras de gringos”.

## **5. Cravo, Jambo, Canela. Identidade imposta ou utilizada?**

“Quando ela passa sorridente na avenida  
Toda faceira no seu modo de andar  
A gente chega a esquecer a própria vida  
Essa mulata é um caso a estudar”  
(Requebro da Mulata, Itamar Assumpção)

As gringólogas são geralmente jovens, solteiras, sem filhos, e são em sua totalidade negras e pardas, ou geralmente intituladas mulatas ou “morena jambo”. A expressão

---

<sup>17</sup> CARVALHO, I. M.; PEREIRA, G. C. *Como anda Salvador e sua Região Metropolitana*. Salvador: EDUFBA, 2006. Gráficos presentes no decorrer da obra.

morena jambo é largamente ouvida na Bahia para definir mulheres muito parecidas com o perfil de mulata, mas geralmente as “morenas jambo” tem cabelos mais lisos e longos (mesmo que seja “mega hair”) e traços que poderiam aproximá-la também da mulher índia. Outro termo utilizado para esse tipo de mulher é “cabo verde”, fazendo menção ao país africano. As “caçadoras de gringo” residem próximo ao Pelourinho, no subúrbio ou bairros populares próximos. Vão para a área da Barra geralmente no fim da tarde, para iniciar a paquera ainda na praia e só retornam no outro dia pela manhã, devido à dificuldade de transporte durante a madrugada. Não recebem dinheiro pela sua companhia, geralmente “lucram” com jantares, entrada em “shows”, noites em belos hotéis, um auxílio para o táxi – que raramente é usado para esse fim - e presentinhos.

Muitos estrangeiros gostam desse tipo de relacionamento, pois é estimulante por incluir paquera e menor custo, já que em minha observação pude concluir que os preços de uma profissional variam muito, podendo chegar até a mais de R\$ 200 o programa. Contudo, os preços dos serviços são estabelecidos de acordo com as características da mulher e do seu tempo na profissão. Em breve análise no jornal *A Tarde* do dia 18/04/2008, é possível encontrar programas a cerca de R\$ 20, como nos anúncios aqui transcritos:

“Adrielle, Boquinha quente, deliciosa, R\$20,00”..

“Andréa, mulatona estilo mulherão R\$30,00 simples, R\$50,00 completo, privê”

Na região da Barra, os preços estão acima desse valor e prevalecem dois tipos de atendimento: o em hotéis e o privê. O privê caracteriza-se por atendimento em apartamentos no próprio bairro, financiados pelos agenciadores e local de moradia das profissionais. Elas pagam diárias para morar no local, além de uma porcentagem no valor do programa, estabelecido previamente entre agenciada e agenciador.

A “participação nos lucros” varia entre 10 e 60%, dependendo de outros acertos, como o valor do programa, o nível dos clientes, o valor pago pelo apartamento, a disponibilidade da profissional no que condiz ao tempo dedicado exclusivamente ao trabalho e a quantidade de mulheres que dividem o mesmo apartamento. Em sua maioria, as mulheres não estudam nem trabalham em outras áreas, tendo regime de dedicação exclusiva ao trabalho, o que resulta muitas vezes em acompanhar um único estrangeiro durante toda a sua estadia na cidade, fazendo o papel de companheira e recebendo para isso. Esse tipo de serviço tem valor elevado, podendo chegar a até R\$ 5.000 dependendo do tempo que o cliente passe na cidade.

Segundo Lia, uma profissional do sexo que trabalha no bairro, o ganho do agenciador pode chegar a até 80% desse valor, já que, para eles, as mulheres receberam indiretamente muito mais que o valor estipulado, por terem realizado pequenas viagens para acompanhar os turistas, fazendo refeições em bons restaurantes e ganhando presentes. Para as mulheres, esse tipo de negócio é interessante, já que depois de certo tempo de convivência constante, aumentam as chances de receberem um convite para viver no exterior junto com esses homens. Os casos das que já foram são muitos, e das que voltaram também. Quando perguntadas

porque o interesse de ir para o exterior, mesmo tendo o conhecimento de diversas experiências negativas entre suas colegas de profissão, o respondido é geralmente o mesmo “antes lá do que aqui”.

Muitas mulheres sabem que os príncipes daqui se tornam “sapos” lá, por diversas vezes se tornando aliciadores e explorando sexualmente as mulheres, quando também não as obrigam a realizar serviços domésticos, além dos sexuais. Piscitelli traz depoimento publicado na revista *ISTOÉ*, que descreve bem a situação apresentada.

“em casa de família meu destino seria pior ainda. Iria ganhar um salário e teria que transar de graça com o patrão, normalmente um velho gordo e pelanquento; o pior que pode me acontecer é eu virar puta na Suíça. Pelo menos vou ganhar alguma coisa. No Brasil não ganho nada nem tenho como ganhar”<sup>18</sup>

Em pesquisa que está sendo por nós realizada, ainda em caráter inicial, as falas não mudam. A maioria das garotas que agora são agenciadas, antes trabalhavam como empregadas domésticas e relatam os maus tratos sofridos, os baixos salários e as investidas dos patrões. Muitas sofreram abusos de pais ou familiares e preferiram lucrar com o sexo a serem impunemente violentadas.

Quando são perguntadas sobre como se enxergam, as garotas raramente se reconhecem como mulatas ou “morenas jambo”, mas assumem que esse padrão é o mais vendido para os turistas que vem em busca de sexo, fazendo com que seja incorporada uma identidade na qual elas não se identificam, mas que se caracteriza como mais rentável.

“se considerarmos as noções de identidade discutidas por Boaventura, dando conta de uma economia de sentidos e trocas em escala mundial, bem como a exemplo da mulata sargenteliana e da ‘morena jambo’ baiana, podemos levantar a seguinte hipótese: além das condições materiais que tornam possível a existência desse comércio e de pessoas expropriadas da sua dignidade por uma rede de relações sociais perversas, existe também o desejo, como componente dessa auto-construção”<sup>19</sup>.

Desejo esse levantado aqui como intuito financeiro, como “marketing” pessoal, e acaba por propor um debate das idéias sobre raça e identidade, tão em voga nas Ciências Sociais e que, através de mulheres que sofrem diversas vulnerabilidades, se torna possível uma reflexão que se faz profunda, pois põe em xeque um modelo historicamente construído, amplamente difundido e impregnado no imaginário mundial.

“Acredito que a mulata construída em nosso imaginário social contribui, no âmbito das classificações raciais, para expor a contradição entre a afirmação de nossa

---

<sup>18</sup> PISCITELLI, A. “Sexo Tropical”: Comentários sobre Gênero e “Raça” em alguns textos da mídia brasileira. São Paulo: Cadernos Pagu (6- 7), 1996, p.21.

<sup>19</sup> DIAS FILHO, A. J. *As mulatas que não estão no mapa*. São Paulo: Cadernos Pagu (6-7), 1996, p.62

democracia racial e a flagrante desigualdade social entre brancos e não brancos em nosso país: como 'mulato' é uma categoria extremamente ambígua e fluída, ao destacar dela a mulata que é a tal, parece resolver-se esta contradição, como se se criasse um terceiro termo entre os termos polares Branco e Negro. Mas, no âmbito das classificações de gênero, ao encarnar de maneira tão explícita o desejo do Masculino Branco, a mulata também revela a rejeição que essa encarnação esconde: a rejeição à negra preta”<sup>20</sup>.

Rejeição à “negra preta” por parte do externo, do que tem poder de compra – poder esse que inclui o corpo e a sexualidade do outro-, do que foi ensinado, durante muitas décadas sobre o encontrado no “país do carnaval”. Na dura realidade de quem necessita se fazer como objeto de compra, venda e troca, existe a auto valorização de suas origens, da sua negritude. Mesmo em baixas condições sociais e de escolaridade, se reconhecer como negra e mesmo assim negar sua identidade, assumindo outros modelos é uma atitude de consciência, uma atitude política. É hoje se negar para uns, para quem sabe num futuro se afirmar perante todos.

## 6. Bibliografia

*Análise comparativa de produtos turísticos internacionais.* Disponível em <http://www.turismo.gov.br>. Acesso em março de 2008.

Anuário estatístico Embratur. Volume 34. Disponível em <http://www.turismo.gov.br>. Acesso em março de 2008.

*Caracterização e dimensionamento do turismo internacional no Brasil.* Resultados do receptivo 2006. Disponível em <http://www.turismo.gov.br>. Acesso em março de 2008.

CARVALHO, I. M. e PEREIRA, G. C. *Como anda Salvador e sua Região Metropolitana.* Salvador: EDUFBA, 2006.

CORREA, M. *Sobre a invenção da mulata.* São Paulo: Cadernos Pagu (6-7), 1996, p. 33-50.

DIAS FILHO, A. J. *As mulatas que não estão no mapa.* São Paulo: Cadernos Pagu (6-7), 1996, p. 51- 66.

--- *Fulô, Ritas, Gabrielas, Gringólogas e Garotas de Programa.* Dissertação de Mestrado em Sociologia, pela Universidade Federal da Bahia. Mimeo. 1998.

*Estatísticas básicas de turismo.* Disponível em <http://www.turismo.gov.br/>. Acesso em março de 2008.

---

<sup>20</sup> CORREA, M. *Sobre a invenção da mulata.* São Paulo: Cadernos Pagu (6-7), 1996, p. 49-50.

FREYRE, G. *Casa grande e Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

GIACOMINI, S. M. *Mulatas profissionais: raça, gênero e ocupação*. *Revista Estudos Feministas*. 2006, vol. 14, n. 1, p. 85-101.

HEILBORN, M. L. *Entre as tramas da sexualidade brasileira*. *Revista Estudos Feministas*. 2006 vol. 14, n. 1, p.43-59.

PISCITELLI, A. *“Sexo Tropical”*: Comentários sobre Gênero e “Raça” em alguns textos da mídia brasileira São Paulo: Cadernos Pagu (6- 7), 1996, p. 9-33.

--- *Viagens e sexo on- line: a Internet na geografia do turismo sexual*. São Paulo: Cadernos Pagu, 2005, p. 281-326.

SANTOS, B. de S. *Pela mão de Alice: O Social e o Político na Pós- Modernidade*. São Paulo: Cortez, 1995.

SEAGER, J. *Atlas Akal Del Estado de la Mujer en el Mundo*. Madrid: Ediciones Akal, 2001.

SILVA, D. F. *À brasileira: racialidade e a escrita de um desejo destrutivo*. *Revista Estudos Feministas*. 2006, vol. 14, n. 1, p. 61-83.

SLENES, R. *Lares Negros, Olhares Brancos: Histórias da Família Escrava no Século XIX*. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 1988.